



## **ESPECIFICIDADE DA FALA DOS JOVENS UNIVERSITÁRIOS DO ALTO OESTE POTIGUAR : TRAÇOS DE (IM) POLIDEZ**

Maria Aparecida Gomes Barbosa<sup>1</sup>

Mariana Priclia de Assis<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Universidade do Estado do Rio Grande do norte (UERN), Cidaufpeyahool.com.br

<sup>2</sup> Universidade do Estado do Rio Grande do norte (UERN) marianasonhadora@hotmail.com

**Resumo:** O presente artigo pretende apresentar os traços de (im) polidez na produção textual dos estudantes da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. Na perspectiva da língua enquanto prática social, e compartilhada, ainda que por códigos linguísticos por diferentes grupos sociais. A pesquisa foi realizada com estudantes de Licenciaturas em Geografia e Enfermagem do Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, campus de Pau dos Ferros – CAMEAM. Os resultados obtidos dão conta que a linguagem verbal é heterogênea, com particularidades contextuais, assim, encontramos diferentes modos de expressões verbais nos textos produzidos por esses estudantes. Traz-se também como resultados evidências, que não é o enunciado que é impolido, mas são os indivíduos que interpretam sendo polidez. Assim, é imprescindível para entender esse processo textual, fazer a análise do contexto social dos sujeitos, sobretudo as condições de produção. Desse modo, percebe-se através dos textos dos universitários, uma interação entre o autor e o leitor, que é presumido, uma vez que um percentual elevado desses textos, do total de quarenta textos, em vinte e nove deles, o autor dirige-se ao leitor presumido – o professor, como se estivesse face a face com este. Logo, a argumentação dos textos estão relacionadas com as expressões, os falares das diversas regiões – municípios -, que compõem o Alto Oeste Potiguar. Esses falares estão bem representados nas produções textuais acerca de temas muito conhecido dos futuros geógrafos e enfermeiros, autores dos textos analisados, dando-nos pistas que a (im) polidez nos textos dos universitários.

**PALAVRAS-CHAVE:** Comportamentos linguísticos, Produção textual, Impolidez.

### **INTRODUÇÃO**

Trazer à tona a discussão sobre a falas dos universitários é imprescindível para analisar: fenômeno de impolidez é direcionar algumas similaridades e divergência nas produções textuais. O objetivo deste estudo é analisar os comportamentos linguísticos, nos textos de estudantes dos cursos de licenciaturas em geografia e enfermagem UERN/CAMEAM.

Neste sentido, as interações nos textos identifica-se como práticas sociais partilhado por cultura, dessa forma, a oralidade e a escrita, é influenciada pelo contexto social.



**III CONEDU**

CONGRESSO NACIONAL DE  
E D U C A Ç Ã O

Logo, é importante salientar, que são as pessoas que interpretam diferentes graus de polidez nos textos. Desse modo, é fundamental para analisar os sinônimos contidos nas produções textuais dos sujeitos, obterem o análise dos elementos envolvidos, dentre eles estão: a localização geográfica diferença social econômico e modos culturais, assim impactam de forma direta na produção de textos. Diante disso, quando o código linguístico passa a ser não partilhado, causa dificuldade de compreensão do leitor que se situa em área diferenciada.

A polidez é definida para explicar variações de comportamentos em interações face a face não é novo. Diante disso, na Lingüística, a discussão se prorrogou através do estudo de Brown & Levinson (1987). possibilita uma explicação em termos do trabalho de construção da *face* dos interlocutores. Assim, há uma distinção entre *face positiva*, vista como, na relação com o outro, o desejo de apreciação e aprovação da imagem própria; e *face negativa*, é explicada como o desejo de preservação básica de territórios e reservas pessoais, a busca pelo direito à liberdade de ação e à liberdade contra a imposição.

Neste sentido, a polidez, para ser polido, um falante geralmente comunica sentidos que atribuem grande valor ao que está relacionado ao interlocutor e atribuem baixo valor ao que se relaciona a si próprio (Leech, 2005). Com base neste princípio, Leech (1983) há uma série de máximas, tais como a Máxima do Tato que sugere minimizar custo para o outro, maximizar benefício para o outro; e a Máxima da Aprovação que sugere minimizar a depreciação ao outro; maximizar enaltecimento ao outro, dessa forma, tais sugestões assegura que a aplicação dessas regras implica, automaticamente, aplicação de polidez.

Há controvérsias, e estudiosos têm contestado que muitos dos atos categorizados por Leech como atos de ameaça à face não podem ser definidos como tais (Spencer-Oatey( 2000), pois é necessário considerar as outras culturas. Tanto as máximas de Leech quanto o modelo de B & L baseiam-se em comportamentos de culturas ocidentais. Embora reflita a competitiva cultura ocidental, argumentam os críticos, o foco no individual não se adequa aos padrões do oriente.

Este estudo está dividido por duas seções. A primeira (i) seção analisa os comportamentos linguísticos, as variações interações e as estratégias que contribuem para que as regras de polidez não sejam violadas, especificando comportamento polido e impolido. A segunda seção (ii), contextualiza a interacionista linguística, enfatizando a adequação do contexto social dos comportamentos verbal e não verbal.

## 2.METODOLOGIA

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

[www.conedu.com.br](http://www.conedu.com.br)



**III CONEDU**

CONGRESSO NACIONAL DE  
E D U C A Ç Ã O

O seguimento deste estudo, segundo Oliveira (2011), capturar a percepção dos participantes examina-se como os informantes encaram as questões que estão sendo focalizadas, há um contato direto com o pesquisador com o ambiente.

Segundo Goffman (1979), a fala é um conceito de um encontro social construtivo, sendo desde da abertura e até o encerramento do envolvimento articulado.

### **Análise dos dados**

Foram selecionadas para exame 10 (dez) alunos dos cursos de geografia e enfermagem da UERN/CAMEAM

1 Cinco textos de estudantes de geografia tiveram como tendo tema *a seca*;

2 Cinco textos de alunos de licenciatura em enfermagem superior, tendo como tema *a política*.

A pesquisa foi realizada na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, situada no Alto oeste potiguar. As redações foram produzidas no contexto de sala de aula.

### **3.RESULTADOS**

Os resultados obtidos constataam variações de comportamentos linguísticos enquadrando heterogêneos, variando de culturas, desse modo, cada grupo social se comportará com sinônimos de se expressar dialéticos, diante das produções textuais.

Neste sentido, percebe-se que cada sujeito textual compartilham código linguístico diferenciado, pois em diversos textos desses estudantes universitários os autores da produção textual explicam para o pesquisador/leitor a expressão 'alugado', considerando de difícil entendimento para o mesmo que não compartilha o mesmo código linguístico, por ser de outra classe social ou localização geográfica diferenciada.

Desse modo, para a compreensão do leitor diante de uma produção textual, é necessário o mesmo analisar a situacional do contexto.

### **4.Comportamentos linguísticos**

As normas de polidez são governadas por questões que envolvem a face: alguns atos ilocucionários são atos de ameaça à face (Face Threatening Acts / FTA) e, no momento de sua atualização, os falantes devem buscar estratégias de atenuação para que as regras de polidez não sejam violadas. Surge, a partir daqui uma das críticas mais constantes ao modelo de B &



**III CONEDU**

CONGRESSO NACIONAL DE  
**E D U C A Ç Ã O**

L, a de que se trata mais de uma teoria da *mitigação* do que de uma teoria da polidez. E a polidez, lembram críticos como Locher & Watts (2005) não pode ser igualada a um ato de fala; é, antes, um conceito discursivo: o que é (im)polido não pode ser previsto pelos analistas que devem, ao contrário, observar a negociação entre os interlocutores para a definição dos enunciados.

Uma outra crítica feita a teoria de B & L diz respeito a visão dicotômica entre o polido e o impolido, ou seja, a falta de consideração da existência de níveis de (im)polidez, como destacam Locher & Watts:

*Eles vêm a polidez como um sistema complexo para mitigar os atos de ameaça à fala e fazem uma distinção somente entre comportamentos impolidos e polidos. A escala de suas estratégias implica que os interactantes podem escolher entre se apresentarem como mais polidos ou menos polidos ou, ao contrário, impolidos. Entretanto, Brown e Levinson não discutem a distinção como um trabalho relacional dentro de um comportamento político / apropriado, o que consideramos crucial para a compreensão da polidez. (LOCHER & WATTS, 2005,p. 13)*

Outro marco na teoria de polidez, Leech (1983) também é criticado pela perspectiva do “absoluto” Leech identifica, em analogia ao Princípio Colaborativo griceano, um Princípio Comum da Polidez que, segundo sustenta, influencia os padrões de comportamento humano no sentido de manter *concordância comunicativa* e evitar *discordância comunicativa* ou ofensa. A existência deste princípio fica evidente pela realização de atos como pedidos, ofertas, cumprimentos, pedidos de desculpas, agradecimentos e nas respostas a estes atos.

Alguns estudiosos têm contestado que muitos dos atos categorizados por Leech como atos de ameaça à face não podem ser definidos, pois um elemento que precisa e deve ser considerado são outras culturas. Tanto as máximas de Leech quanto o modelo de B & L baseiam-se em comportamentos de culturas ocidentais. No caso específico do Brasil, este tem dentro de si, vários brasis com culturas distintas, face sua extensão geográfica.

Nesse sentido, Leech (2005) faz severas críticas à perspectiva da *polidez relativa*, diz que, em termos absolutos, tanto a (sua antiga) posição universalista quanto a relativista (de seus críticos) são igualmente inatingíveis. Se não existissem padrões de polidez comuns compartilhados por diferentes culturas, argumenta, não faria sentido aplicar palavras como “polidez” ou “face” a diferentes culturas, assim como não faria sentido criar uma revista sobre polidez, referindo-se ao Journal of Politeness Research.

A principal crítica aos modelos de B e L e de Leech parece ser a de que são modelos abstratos, com isso entendendo, que a análise deve, imprescindivelmente considerar o



**III CONEDU**

CONGRESSO NACIONAL DE  
E D U C A Ç Ã O

contexto situacional, o que os críticos vêm como os elementos da cultura do grupo. Portanto, os atos e as máximas de B & e Leech não podem ser vistos como universais, tal como eles sugerem. Na nossa opinião, o maior problema está no foco da observação que se concentra na produção unilateral de um falante e não na interação. A postulação mais recente de que a (im)polidez ancora-se na interpretação que os sujeitos fazem dos enunciados (e não nos enunciados propriamente ditos) implica que a análise tem que buscar, necessariamente, uma perspectiva mais interacionista, uma vez que polidez é um conceito discursivo, e mais situada, pois há que se considerar que o mesmo ato de xingar pode ser ou não (im) polido. Significa, ainda, metodologicamente, que o analista deve se apoiar nos julgamentos dos interactantes, e não tão somente na sua própria intuição, para definir o que é polido ou não.

## 5. Interacionista linguístico

O conceito de (im) polidez utilizado neste estudo é o de Spencer-Oatey, para quem

*[...]Os julgamentos subjetivos que as pessoas fazem sobre a adequação social de comportamentos, verbais e não-verbais. Em outras palavras, não é o comportamento em si que é polido, político [...] ou (im)polido; antes, a (im)polidez é um rótulo avaliativo que as pessoas agregam ao comportamento, como resultado de seus julgamentos subjetivos sobre a adequação social. (Spencer-Oatey, 2005: 97).*

Os exemplos 1,2 3, 4 que se seguem são de graduandos, pedagogos e letras, e aluno de educação básica, escrevendo sobre o tema a seca, política e festas juninas, tema que está muito recorrente no interior de seu estado.

### Exemplo: pedagogo 1 / seca

*A seca daqui do Nordeste é um fenômeno que atua impactando de forma direta na qualidade de vida de nós nordestinos, pois, prejudica principalmente os que sobrevivem da agricultura, da plantação com terras cultiváveis, e fertilidade do solo. Eu sei que a seca é um fenômeno natural que caracteriza a região, dessa forma, compreendendo a realidade cultural regional deste local, então, deveria haver ações de políticas públicas, voltados para que o indivíduo não fosse penalizado em um longo período de estiagem, ou seja, promovendo para a população, reservas de abastecimento de água, cisternas, adutoras para possibilitar o cidadão a conviver com a seca, e conseguirem sobreviverem, mesmo em um longo período, mas a cada longo período de seca, a população é penalizada drasticamente, com falta de água de qualidade, pois mesmo abastecendo o **tanque, local que armazena água,** há alguns municípios que a água acabou definitivamente, então, nós estamos sempre comprando água para todas as funções, porém não satisfazem todas, mas quem não tem dinheiro para comprar como estão sobrevivendo?, é difícil responder esta pergunta, pois moro neste local e também não sei responder, mas tenho a resposta da causa de tantos transtornos, tudo isso é advindo da falta de interesse político de planejar ações, que possibilite o bem estar da população que moram nesta área geográfica.*



**III CONEDU**

CONGRESSO NACIONAL DE  
E D U C A Ç Ã O

No Exemplo 1, o autor parece estar consciente, que a seca é um fenômeno natural do local regional, então, é afirma que é necessário as pessoas se adequarem no contexto situacional típico da área geográfica, e conseguirem sobreviverem com a seca, mas para que isso aconteça, é necessário interesse político com ações que promova o bem estar da população que residem nesta região.

Diante disso, o autor do texto parece ter o pesquisador em mente no momento da escrita, pois na expressão salientada demonstra que o autor infere que possivelmente, seu leitor, um *outsider*, embora do mesmo estado e região, mas de outro nível social, não irá entender o significado do termo “**tanque**”. A suposição aqui é a de que o leitor não vai entender pelo **não-partilhamento do código linguístico**.

### **Exemplo : pedagogo 2 / seca**

*Ao falar da seca fiz uma viagem mental, me transportando para o contexto vivenciado no ano 1993, nesta época a seca foi pior do que essa que estamos passando em 2016, pois os comerciantes foram penalizados, a população indignada com o contexto que viviam, fome, desemprego e doenças, os comércios foram alvo de vandalismo, por alguns indivíduos que não aguentava ver seus filhos passarem necessidade, então buscavam alimentos sem haver o pagamento, dessa forma, foi culpa deles toda essa realidade? Não culpa do sistema político, pois os direitos dos cidadãos são postos apenas em papel, mas na prática fica longe de cumprir. Diante disso, os que moravam na zona rural e sobrevivam da agricultura são drasticamente prejudicados, pelo fenômeno natural seca.*

Nos exemplos 2, para contextualizar a seca, o leitor precisou analisar o contexto vivenciado em épocas anteriores para explicar a realidade do presente. É nesta perspectiva, que diferencia a seca anterior da atual. A especificação o termo seca novamente é associada a fome, uma necessidade do autor para partilhar com o leitor o caos que a seca provoca com quem não convive com aquela realidade do contexto social. Mais uma vez, o pedagogo parece ter o pesquisador em mente, que membro de uma classe social superior e habitante da capital, provavelmente não passou por tal experiência e não partilha o conceito “fome”, tal como é sentida pelos indivíduos que reside neste local. O autor tem necessidade de explicitar sobre o tempo vivenciado que esclarece a indignação dos que vivenciaram as consequências da seca comum nesta região, como também esclarece sobre a os que mais se prejudica com a situação.

Nos exemplos ( 1,2 ), promove uma identificação da suposição “eu sei”, quer seja por desconhecimento de uma expressão regional ( tanque), do não partilhamento das condições de vida da comunidade (relação entre seca e fome) ou de um conceito (fome).



# III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE  
E D U C A Ç Ã O

Tais marcas, supérfluas do ponto de vista estritamente semântico, indicam uma proposição de alinhamento em relação ao leitor, como superior no que se refere ao conteúdo do enunciado.

Mas, retomando, ao princípio que influencia as estruturas de expectativas é o de envolvimento entre os interlocutores, ou melhor, suas percepções a respeito do grau de envolvimento / distanciamento.

### **Exemplo 3: Graduando letras/ política**

*Apesar de não gostar de política **eu vou escrever o que acho**, a desonestidade continua a persistir na política, pois a corrupção retira o direito do cidadão, de saúde, moradia, lazer e educação entre outros, o mais prejudicado neste contexto, é o cidadão honesto, que deposita a confiança no candidato que prometerem lutar por melhores condições de vida para a população, mas ao cidadão exercer a democracia, **o voto**, as promessas ficam apenas no papel. Diante disso, o político que não se considerar um empregado da população, não é digno do seu cargo. Ao refletir a atualidade, percebe-se que vivenciamos uma crise no sistema político, que ameaça a liberdade democrática da população, conseguida com tanta luta, mortes de cidadãos dignos, que objetivaram um contexto social mais igualitário, menos desumano, porém a qual quer momento estamos nos transportando para viver a opressão novamente no meio social, **o golpe novamente não**. Desculpa se não atendi o que você queria que eu falasse, mas não gosto de política, tentei escrever o que sabia, e o que estamos vivenciando.*

O exemplo 3, o autor inicia afirmando que **apesar de não gostar de política, vou escrever o que acho**. Logo no início de seu texto que o autor indica que não vai poder colaborar de forma satisfatória com o pesquisador:

É preciso relembrar as condições de produção destes textos: as redações foram colhidas no interior de uma instituição de ensino superior, um lócus acadêmico; os temas não só foram indicados, como foram indicados por alguém superior, que assume um cargo de direção na referida IES, como também em termos de nível socioeconômico, e, principalmente, formação acadêmica.

Assim, a situação de coleta pode se caracterizar como uma situação de teste. Então, o fato do professor iniciar suas redações com estas afirmações e justificativas parece relevante: é como se fosse uma resposta imediata ao pedido do pesquisador, ao mesmo tempo prevenindo-o que o tema não será bem desenvolvido. Isso, não porque ele seja um professor ruim, mas porque o tema “não é de seu interesse”. Dessa forma, o aluno universitário se resguarda de possíveis críticas por parte do pesquisador, ou seja, **preserva sua face**.

Em redações de alunos também foram encontradas estratégias de envolvimento que explicitam conhecimento partilhado, visando o envolvimento do leitor, numa tentativa de



**III CONEDU**

CONGRESSO NACIONAL DE  
E D U C A Ç Ã O

estabelecer um ambiente de cumplicidade.

#### **Exmplo:4 Aluno/ festas juninas**

As festas juninas é um momento muito bom, é neste mês que tem comida típica, brincadeira, quadrilha, é um mês muito alegre professora, ficaria muito feliz, se neste ano você viesse compartilhar conosco de novo, naquele dia que você veio foi muito bom .

No exemplo 4, percebe-se que o aluno se direciona ao professor expressando o envolvimento deste com o professor, assim o enunciado “naquele dia que você veio foi bom”. Assim, marca o alto grau de envolvimento interpessoal, o tempo verbal (ficaria), reforça a natureza polida da expressão.

#### **CONCLUSÕES**

Neste estudo fica claro que o princípio da comunicação é atingindo, ou seja, os jovens universitários comunicam, expõem seus pontos de vista ainda que timidamente, e que têm carência de dialogar com o professor, dirigindo-se diretamente a este.

É nesta perspectiva, que a cultura, classe social, e principalmente a diferença de localização de área geográfica, região, estado e País, impacta de forma direta na expressão verbal e não verbal dos indivíduos, e nos comportamentos linguísticos. Dessa forma, os padrões de polidez são partilhados por diferentes culturas contribuindo para a comunicação.

#### **REFERÊNCIAS**

BROWN, P. & LEVINSON, S. **Politeness. Some Universals in Language Usage.** Cambridge, CUP. 1987.

GOFFMAN, E. [1979] Footing. Trad. Beatriz Fontana. In: RIBEIRO, B.T.; GARCEZ, P.M. (orgs). Sociolinguística Interacional. 2a. edição. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

LEECH, G. **Principles of Pragmatics.** London, Longman. 1983

LEECH, G. (2005). LEECH, G. **Politeness: Is there an East\_West Divide?** *Journal of Foreign Language* no 6, nov., general serial no. 160, 1004 - 5139. 2005.

LOCHER, M. & WATTS, R. (2005). **Politeness theory and relational work.** *Journal of Politeness Research* 1 (2005), 9 – 33. MAO, L.R. (1994). Beyond politeness theory: “Face” revisited and renewed. *Journal of Pragmatics* 21, 403 – 426.

SPENCER-OATEY, H. (2000). **(Im) politeness, face and perceptions of rapport: Unpackaging their bases and interrelationships.** *Journal of Politeness Research* 1 (2005), 95 – 119.





**III CONEDU**

CONGRESSO NACIONAL DE  
**E D U C A Ç Ã O**

OLIVEIRA.M.F. **Metodologia Científica**: um manual para a realização de pesquisa em administração- catalão. UFG,2011.

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

[www.conedu.com.br](http://www.conedu.com.br)